

# **SAÚDE MENTAL NA MÍDIA: COMO JORNALISTAS PODEM NOTICIAR O SUICÍDIO DE FORMA RESPONSÁVEL**



## **Autores**

Maria Alice dos Santos Cardoso  
Graduada em Psicologia – Universidade Federal de São Carlos (2018).  
Graduanda em Jornalismo – Centro Universitário Teresa D’Ávila.  
Email: mahriarp@gmail.com

Prof.<sup>ª</sup> Me. Daniele Caroline Dos Reis Bittencourt  
Pós-graduada em Docência no Ensino Superior: Educomunicação - Centro Universitário Teresa D’Ávila, Lorena-SP (2017). Mestre em Design, Tecnologia e Inovação - Centro Universitário Teresa D’Ávila, Lorena-SP (2020). Graduada em Jornalismo - Centro Universitário Teresa D’Ávila (2016). Professora dos cursos de Comunicação do Centro Universitário Teresa D’Ávila.

*imagem: Freepik.com*

## RESUMO

Problemas de saúde mental, vulnerabilidade socioeconômica e tentativas anteriores de suicídio são fatores de risco para que uma pessoa tente tirar a própria vida. Dados da Organização Mundial de Saúde indicam que aproximadamente uma pessoa a cada 40 segundos morre dessa forma, além de apontar o impacto da mídia nessas ações. Assim, diversas organizações ao redor do mundo criaram manuais de boas práticas jornalísticas para que profissionais possam abordar a problemática de forma a reduzir o número de casos ao invés de aumentá-los. Por isso, o objetivo do presente artigo é reunir as principais diretrizes voltadas a jornalistas de diferentes países e organizá-las para que futuros profissionais possam ter acesso facilitado ao conteúdo. Foi observado que, apesar de muitos possuírem pontos repetidos sobre ações preventivas, cada um possui sua especificidade cultural e as informações se complementam, sem se tornarem incoerentes.

**Palavras-chave:** suicídio; jornalismo; ética

## ABSTRACT

Mental health problems, socioeconomic vulnerability and are risk factors for a person to attempt to take their own life. Data from the World Health Organization indicate that approximately one person every 40 seconds dies in this way, in addition to highlighting the impact of the previous suicide attempts media on these actions. Therefore, several organizations around the world have created manuals of good journalistic practices so that professionals can approach the problem in order to reduce the number of cases instead of increasing them. Therefore, the objective of this article is to bring together the main guidelines aimed at journalists from different countries and organize them so that future professionals can have easier access to the content. It was observed that, although many have repeated points about preventive actions, each one has its own cultural specificity and the information complements each other, without becoming incoherent.

**Keywords:** suicide; journalism; ethic

## INTRODUÇÃO

Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) obtidos em 2017 indicam que o Brasil é o país mais ansioso do mundo. Essa posição permanece para os índices de depressão na América e se classifica em 5º lugar no ranking mundial. Desde o início da pandemia, 53% dos brasileiros relatam que sua saúde mental piorou em relação aos anos anteriores, uma estimativa maior do que a encontrada em mais de 30 países (NEVES, 2022).

Problemas de saúde mental podem incluir depressão, ansiedade, transtorno obsessivo compulsivo (TOC), bipolaridade, transtorno do estresse pós-traumático (TEPT) e outros menos comuns. Nesses casos é aconselhado o acompanhamento de profissionais da área da saúde, especialmente psicólogos e psiquiatras, e intervenção medicamentosa se indicado pelo médico.

Entretanto, não é possível falar de saúde mental sem discutir ativamente sobre políticas públicas. Não há profissionais, ou técnicas, suficientes para atender e resolver os problemas de pessoas em situação de vulnerabilidade social. É necessário considerar fatores como educação, saúde, rede de apoio, nutrição, violência, acessibilidade e acesso à moradia como intrinsecamente conectados à qualidade de vida.

A falta de suporte, do Estado ou de pessoas próximas, pode afetar negativamente o emocional do indivíduo e agravar o caso clínico. Sem a devida atenção, ideações suicidas podem surgir como uma possível solução aos problemas, em alguns casos a única, e a complexidade do atendimento aumenta. Por isso, é necessário que sejam realizadas intervenções prévias que durem o ano inteiro e não apenas durante o “Setembro Amarelo” com diálogos, muitas vezes, equivocados sobre o suicídio.

O suicídio ocorre quando uma pessoa, intencionalmente, busca meios de causar a própria morte. São diversos os fatores de risco que devem ser observados e, segundo Hesketh e Castro (1978), os principais são aspectos socioeconômicos, abuso de substâncias, idade, gênero, distúrbios psiquiátricos, tentativas anteriores e conflitos interpessoais.

Em contrapartida, pode haver certa dificuldade ao determinar se um caso é, de fato, suicídio. Alguns acidentes, como dose excessiva de substâncias, podem ser lidos como tentativa de suicídio, mas não é possível averiguar se havia a intenção de que isso acontecesse, o que é um dos princípios fundamentais para classificar a ação.

De acordo com a OMS, há mais de 700 mil casos mundiais de suicídio por ano, o que equivale a aproximadamente à morte de uma pessoa a cada 40 se-

gundos. Estima-se que, em 2019, 77% dos casos ocorreram em países de baixa e média renda, com maiores taxas entre grupos que sofrem discriminação e que os métodos mais comuns são a ingestão de pesticidas, enforcamento e armas de fogo. Ainda segundo a organização, o estigma relacionado ao tema e a falta de qualidade dos dados obtidos dificultam o planejamento de intervenções efetivas e, atualmente, apenas 38 países possuem projetos de prevenção ao suicídio.

Diversos estudos (CICOGNA et al., 2019; ARRUDA et al., 2021; PALMA et al., 2021) apontam que o índice de suicídio no Brasil é estatisticamente superior em homens em comparação às mulheres. De 2010 a 2017, houve um crescimento de 21% nas mortes por suicídio no país, enquanto na maior parte do mundo observou-se queda de 9,8%. Em 2017, a cada 100.000 habitantes, 11,33 homens e 2,98 mulheres cometeram suicídio, com as taxas mais altas encontradas na região Sul do país.

Esses dados contemplam apenas os casos em que o suicídio ocorreu de fato, sem considerar aqueles que sobreviveram à tentativa e precisaram de atendimento médico. O paciente, que se encontra em momento de alta vulnerabilidade, muitas vezes sofre diversas violências da equipe ao ser admitido no hospital por tentativa de suicídio. Por conta disso, é necessário debater socialmente o tema e preparar os profissionais da área da saúde para realizarem o acolhimento livre de juízo de valor e evitar que a pessoa passe por experiências ainda mais traumáticas, sem sentir culpa em relação às suas decisões.

A mídia possui grande impacto nos casos de suicídio, o que pode torná-la uma aliada, ou um fator de risco. Por conta disso, profissionais da área da saúde trabalharam em conjunto com os de comunicação para desenvolver cartilhas com orientações sobre como abordar os casos em uma notícia ou reportagem. O maior objetivo é respeitar a pessoa que veio a óbito e sua família, além de evitar o fenômeno conhecido como Efeito Werther.

O efeito é estudado na psicologia como uma forma de contágio de casos de suicídio após a veiculação em massa do ocorrido, especialmente com famosos. O nome vem do livro "Os Sofrimentos do Jovem Werther", de Johann Wolfgang von Goethe, escrito em 1774, mas que foi cunhado apenas em 1974 por David Phillips. Na época, diversas pessoas cometeram suicídio para imitar as ações do personagem principal, o que mostra o impacto que a ampla divulgação de um caso pode ter.

Em um caso mais atual, a repercussão da morte de Robin Williams em 2014, ator famoso que estrelou diversos filmes de drama e comédia, indicou um aumento de quase 10% no número de suicídios nos Estados Unidos (FINK; SANTAELLA-TENORIO; KEYES, 2018). Os dados apontam que, com a grande divulgação do caso explicitando que foi suicídio, os quatro meses seguintes foram acompanha-

dos da alta nos números pelo país em comparação a anos anteriores.

Assim, o presente estudo tem como objetivo identificar como a área da comunicação trata assuntos relacionados ao suicídio e quais as melhores práticas indicadas por profissionais ao relatar tais casos. Para isso, foram investigados casos de suicídio que foram noticiados pela grande mídia, analisadas diretrizes recomendadas por instituições de saúde sobre como reportar casos de suicídio e buscar como são abordados de fato casos de suicídio na mídia, da ficção à notícia.

## **MÉTODO**

Foi realizado um levantamento bibliográfico na base de dados digital SciELO com o uso da palavra-chave “suicídio”. Para a seleção dos artigos, foi realizada breve leitura de seus resumos para verificar se os temas se encaixavam com a proposta da matéria para fundamentação sobre fatores de risco, estatísticas e relação com a área da saúde. Ao todo foram separados 49 artigos, em língua portuguesa e inglesa, a maioria de produção brasileira. Também foram analisados manuais de diferentes países sobre como noticiar casos de suicídio para investigar quais são as principais diretrizes recomendadas pelos órgãos de saúde.

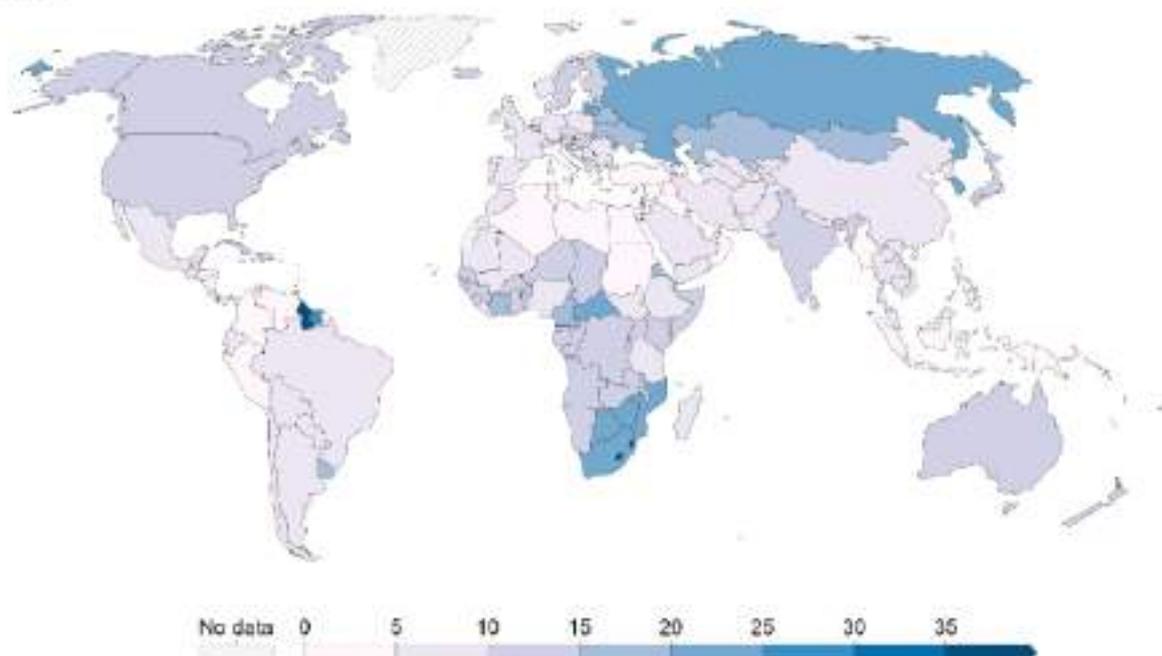
## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Como apresentado anteriormente, o Brasil é um dos líderes no ranking de ansiedade e depressão. Apesar disso, em comparação a outros países no mundo, é um dos menores na taxa de suicídio como pode ser observado na Figura 1 (DATTANI et. al., 2023), aparecendo na 123ª posição, com um total de 6,4 mortes por suicídio a cada 100 mil habitantes (JOSHU, 2023). Entretanto, isso não minimiza a importância do desenvolvimento de debates sobre o tema e de políticas públicas capazes de reduzir esse número.

**Figura 1 – Índice de suicídio no mundo**

### Suicide rate, 2019

Annual number of suicides per 100,000 people. Suicide deaths are underreported in many countries due to social stigma and cultural or legal concerns. This data is adjusted for this underreporting to estimate the actual rate of suicides.



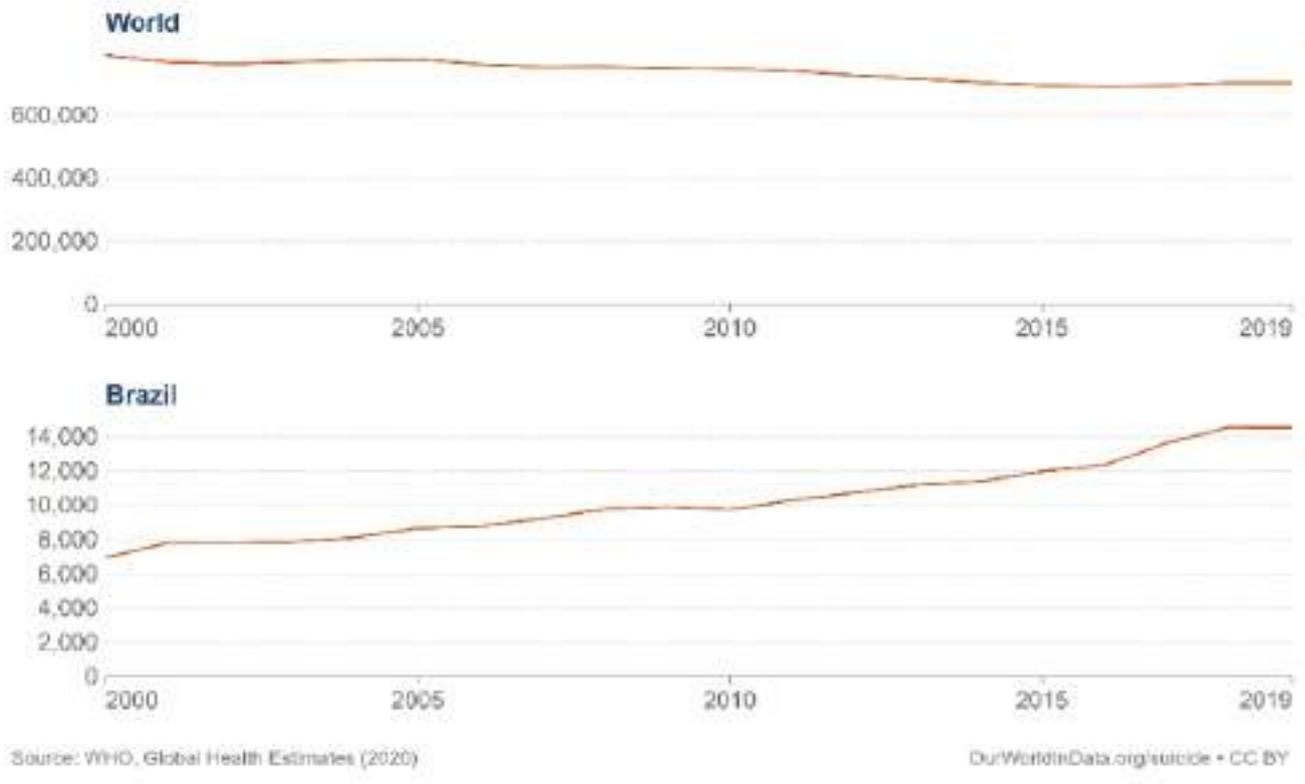
**Fonte:** Dattani et. al., 2023

A urgência dessa discussão se faz principalmente pelo fato da imprecisão dos números. Isso acontece porque é possível que mortes sejam erroneamente não identificadas como suicídio (e.g acidentes de trânsito), além da subnotificação das tentativas, seja por questões culturais ou legais. Assim, estima-se que o número total seja maior do que o relatado, o equivalente a 20 tentativas para cada morte, além do crescente aumento das porcentagens ao longo dos anos. Como é possível observar na Figura 2, o Brasil segue uma tendência contrária à mundial em relação ao número de casos de suicídio.

**Figura 2 – Comparativo número anual de suicídios Brasil x Mundo**

## Number of suicides

Annual number of deaths from suicide. Suicide deaths are underreported in many countries due to social stigma and cultural or legal concerns. This data is adjusted for this underreporting to estimate the actual number of suicides.



**Fonte:** Dattani et. al., 2023

Os casos são pouco abordados em jornais e, ao realizar pesquisas no site de buscas Google, não há muitos resultados encontrados. Um estudo publicado em 2021 por Ferreira et. al. indicou que dentro de um portal de notícias, com 89 delas relacionadas ao suicídio, a maioria não cumpriu todas as recomendações de segurança da OMS. A maioria, inclusive, adicionava o nome da pessoa falecida, uma das contraindicações da organização.

O caso do ator Flavio Migliaccio, falecido em 2020, mostra como diversos portais de notícias quebraram os protocolos de segurança ao noticiar a morte. São narrados o conteúdo em sua carta de suicídio (em alguns é incluída até a imagem do que foi escrito, com a caligrafia do autor), local em que o corpo foi encontrado e a motivação, além do tom pessimista e falta da inclusão de centrais de apoio a quem apresenta ideias suicidas. Assim, o caso deveria ter levantado um debate sobre as ações éticas que profissionais de comunicação devem ter, além da responsabilização pelo impacto em como um fato é noticiado.

Uma das primeiras coisas que pensam quando o suicídio é abordado, é a sua relação com a saúde, especialmente a mental. Doenças terminais e psiquiátricas

podem facilitar o surgimento de ideações suicidas no indivíduo, o que desenvolve a necessidade de maior atenção por terceiros às suas ações. A escuta ativa é uma das principais atitudes que alguém deve ter ao identificar alguém em sofrimento pois, mesmo que não possa ajudá-la diretamente, poder falar em um ambiente livre de julgamento pode ter impacto muito positivo no processo de recuperação. Além disso, ao saber pelo que a pessoa está passando, é possível indicar serviços especializados que estarão aptos a oferecer um tratamento mais aprofundado.

Para compreender um dos aspectos do comportamento suicida, é necessário avaliar o nível da letalidade e o grau de intencionalidade, ou seja, quão grave foi o ato e se a pessoa realmente tinha intenção de morrer (BECK et. al., 1976 apud HESKETH & CASTRO, 1978). Esses dois fatores podem ser importantes para indicar se há maior risco para uma nova tentativa, especialmente se não houver uma boa rede de apoio.

Apesar de uma rede de apoio bem estruturada ser essencial para qualquer pessoa, ela se faz mais necessária para aqueles que fazem parte de grupos de risco. Como apresentado anteriormente, alguém estar em uma categoria mais suscetível a tentativas de suicídio é uma questão multifatorial. Esses fatores podem incluir idade, gênero, relações interpessoais, vulnerabilidade socioeconômica, estado de saúde (mental e físico) e ser parte de grupos marginalizados.

O assunto deve chamar a atenção para a população de todas as idades, ao contrário do que se possa imaginar. Apesar de variar de acordo com o país, o suicídio é uma das causas que mais mata jovens, além de também ser o motivo de óbito de crianças e idosos. No caso de idosos, a solidão, problemas de saúde, datas de aniversário (da própria pessoa ou de entes queridos que já faleceram) podem ser fatores de risco para uma tentativa de suicídio.

No caso dos mais jovens, especialmente adolescentes, o processo ainda formativo os torna mais influenciáveis àquilo que observam, seja em produtos midiáticos ficcionais, reais ou acontecimentos do próprio cotidiano. Assim, é uma população mais vulnerável à formação de clusters de suicídio.

Segundo o Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos Estados Unidos da América, clusters de suicídio “são definidos por um número maior do que o esperado de suicídios, ou de eventos não fatais como tentativas de e automutilação ocorridos em um pequeno espaço de tempo e geográfico” (2022). Entretanto, apesar da identificação ser mais difícil, clusters também podem ser formados quando há grande exploração da mídia sobre o tema e pessoas de diferentes regiões tentam simular o ocorrido. Esse fenômeno aconteceu após o lançamento da série “Os 13 Porquês”, em que apresenta uma cena explícita da personagem principal se cortando, além de certa glamourização ao redor da morte dela, práticas contraindicadas pela OMS.

Para conduzir uma narrativa responsável sobre suicídio é recomendado, primeiramente, inserir aviso de conteúdo no início do projeto para que o leitor, ou espectador, possa decidir se dará continuidade. Isso é essencial porque a temática pode servir como um gatilho para pessoas em vulnerabilidade, especialmente aquelas que apresentam ideação suicida, ou que já fizeram sua primeira tentativa, o que as torna um grupo de risco.

Assim, diversas instituições ao redor do mundo desenvolveram guias de práticas éticas para jornalistas e comunicólogos abordarem o tema. Muitos trazem pontos em comum, mas geralmente há certos complementos que são abordados, seja por diferenças culturais, ou por aprofundamento em pesquisas e dados.

O Departamento de Psiquiatria e Ciências Comportamentais da Universidade de Stanford desenvolveu a Iniciativa de Mídia e Saúde Mental. No site é possível acessar ferramentas, pesquisas, metas e estratégias que a instituição indica aos profissionais de comunicação.

A iniciativa divide suas metas e estratégias para as áreas de jornalismo, redes sociais e entretenimento. Pesquisas apontam que a cobertura extensiva da mídia sobre um caso de suicídio, especialmente de famosos, pode causar grande impacto na população e aumentar o risco de comportamentos suicidas (STANFORD MEDICINE, c2023). Com isso, o objetivo do projeto é apresentar, de forma resumida, ações que os profissionais podem realizar para auxiliar na prevenção do suicídio devido à influência que a mídia tem sobre a população.

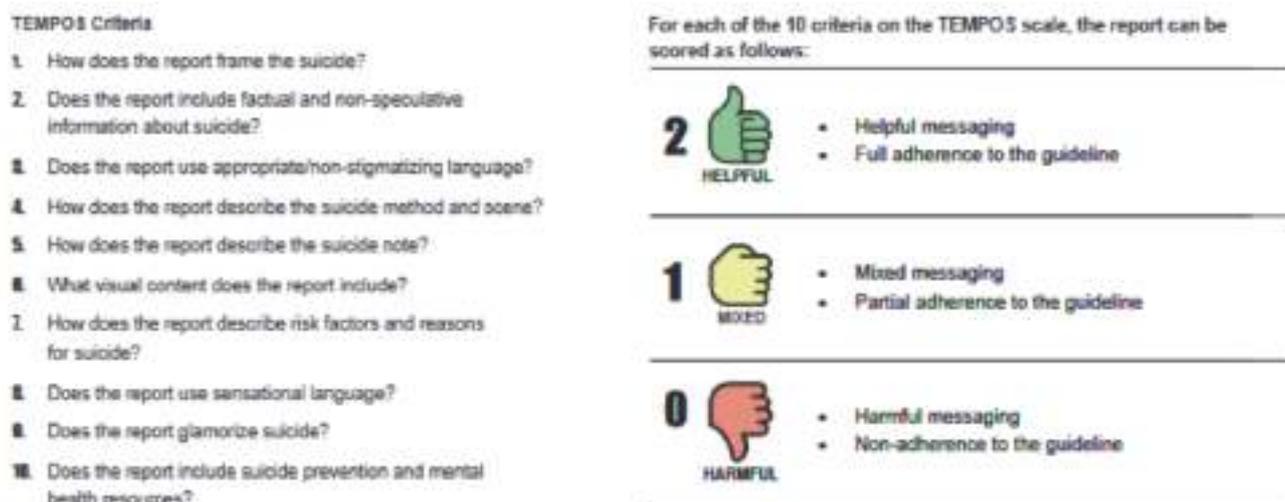
No caso do jornalismo, as metas são: normalizar a saúde mental como pauta; ênfase nas histórias de recuperação; redução de suicídios “copiados” (quando uma pessoa tem a intenção de emular o método e local de algum caso noticiado, como no Efeito Werther) por meio de notícias que seguem as diretrizes de segurança. A principal estratégia para atingir esse objetivo é criar parcerias entre organizações de saúde mental e jornalistas, inclusive de estudantes, para que as boas práticas sejam aplicadas desde a sua formação.

Outro recurso desenvolvido pela Universidade de Stanford foi o TEMPOS (Tool for Evaluating Media Portrayals of Suicide), que em uma tradução literal seria Ferramenta para Analisar as Representações Midiáticas de Suicídio. O guia tem como objetivo simplificar a identificação dos critérios que podem ser utilizados para monitorar como um produto midiático aborda o suicídio e se é feito da forma mais segura possível.

Como pode ser observado na Figura 3, o TEMPOS elabora 10 perguntas que devem ser utilizadas para analisar o conteúdo. A resposta a cada uma delas recebe uma pontuação de 0 a 2 de acordo com a adequação às diretrizes de segurança e à forma como a mensagem foi propagada. Ao somar todos os pontos é

possível avaliar se o produto está apto, ou não, para veiculação desde que tenha obtido. Apenas com 20 pontos é possível validar o conteúdo como útil e, caso o escore seja menor, é necessário revisar quais critérios não estão adequados para que sejam alterados.

**Figura 3 – Critérios do TEMPOS**



**Fonte:** Stanford Medicine, c2023

A página da ferramenta também apresenta as Recomendações para Noticiar Suicídio, produto que teve como base mais de 50 estudos internacionais realizados por especialistas sobre casos de suicídio. As práticas foram compiladas em um documento que inclui a importância da mídia na prevenção ao suicídio, organizações parceiras, recomendações, sinais de risco e o que fazer, além da recomendação de canais de ajuda a serem incluídos nas matérias (ANEXO A).

Os Samaritanos são um grupo do Reino Unido, composto por voluntários, que atende a população da Inglaterra, Irlanda, País de Gales e Escócia. A instituição oferece atendimento emergencial gratuito de escuta ativa a pessoas em situação de risco, semelhante ao Centro de Valorização à Vida (CVV) no Brasil. Ao navegar pelo site é possível encontrar diversos guias de boas práticas ao noticiar suicídio, de forma mais ampla a casos mais específicos, como o de celebridades ou suicídio em linhas de trem.

O grupo indica a importância de trazer ao debate sobre o suicídio grupos de maior risco para que sejam realizadas ações dirigidas diretamente a eles, mas que muitas vezes passam despercebidos. É importante ressaltar que o objetivo não é implicar que um grupo está fadado a cometer suicídio, mas entender a complexidade de suas posições socioculturais para desenvolver métodos de prevenção.

As diretrizes indicadas pelos Samaritanos para noticiar casos de suicídio são introduzidas por dez importantes fatos a serem lembrados antes de publicar algo. Primeiramente, é essencial que nunca seja exposto o método pelo qual a pessoa morreu, especialmente em manchetes, para evitar que esse seja o foco e incite outros a fazerem o mesmo. Assim como em outros manuais, é recomendado apresentar o contato de grupos de apoio que possam auxiliar em um momento de crise e prevenir o suicídio. Nesse caso, já é demonstrado como redirecionar o leitor para o próprio grupo com a seguinte mensagem:

Quando a vida estiver difícil, os Samaritanos estão aqui – dia ou noite, 365 dias por ano. Você pode ligar para eles de graça no número 116 123, mandar um e-mail para [jo@samaritans.org](mailto:jo@samaritans.org) ou ir ao site [www.samaritans.org](http://www.samaritans.org) para encontrar a filial mais próxima (Samaritans, 2020, p. 4, tradução nossa).<sup>1</sup>

A terceira recomendação explícita a importância de não “glorificar” o suicídio como única alternativa, morte indolor, ou solução. É primordial evitar manchetes e conteúdos sensacionalistas, que possam servir de gatilho como incentivo para pessoas em vulnerabilidade emocional. Nesta relação, imagens dramáticas, sejam em foto ou vídeo, devem ser abolidas. Isso deve ser levado em conta na diagramação do veículo de informação para que não se torne a matéria principal, seja abordado constantemente ou relacionado a casos anteriores. Além disso, evitar apresentar o local onde ocorreu a morte, especialmente se for uma localização famosa, assim como maiores detalhes sobre o espaço (altura de uma ponte, andar de prédio etc.).

Se nos meios de comunicação tradicionais já é necessário um passo a passo cuidadoso, nas redes sociais essa precaução deve ser ainda maior. A velocidade com a qual conteúdos são compartilhados, anonimato e comentários ofensivos contribuem para um ambiente não seguro. Com isso, cabe aos jornalistas tomarem algumas medidas diferentes ao postarem uma notícia sobre suicídio no perfil do veículo.

Uma dessas medidas é evitar mencionar grupos que incentivam o suicídio, algo que não é difícil de encontrar nas comunidades online atualmente. Em 2017, por exemplo, foi lançado o “Desafio da Baleia Azul” em que jovens passavam por uma série de etapas de automutilação até culminar no suicídio. Na época, os casos expuseram um tema que ainda é tabu na sociedade e que causou grande preocupação em responsáveis, equipes de saúde, escolas e jornalistas. A grande questão para comunicólogos era como abordar a ação, já promovida pelos suicide clusters, sem que incentivasse outros jovens a fazerem o mesmo, já que são um grupo mais suscetível ao “contágio” do suicídio.

Ainda no âmbito das redes sociais, é importante que a seção de comentários fique desativada e que não seja feito repost em stories ou mandadas notificações

aos seguidores sobre o assunto. Esse cuidado deve ser tomado para evitar o surgimento de comentários ofensivos capazes de servirem como gatilho e oferecer ao leitor a oportunidade de se prevenir sobre o conteúdo antes de entrar em contato com ele.

A veiculação de um caso de suicídio nunca deve ser romantizada e isso inclui a apresentação de cartas, notas, ou quaisquer outros materiais deixados que expliquem o motivo do ato. Um espectador em situação de vulnerabilidade emocional que se identifique com o conteúdo pode se sensibilizar com o caso e ter um gatilho para a ação. Além disso, a exposição excessiva pode causar mais dor e sofrimento a família e amigos que estão em um processo de luto. Também nunca deve ser especulado o porquê de um suicídio ter ocorrido já que são casos complexos, que muitas vezes acontecem por mais de um fator.

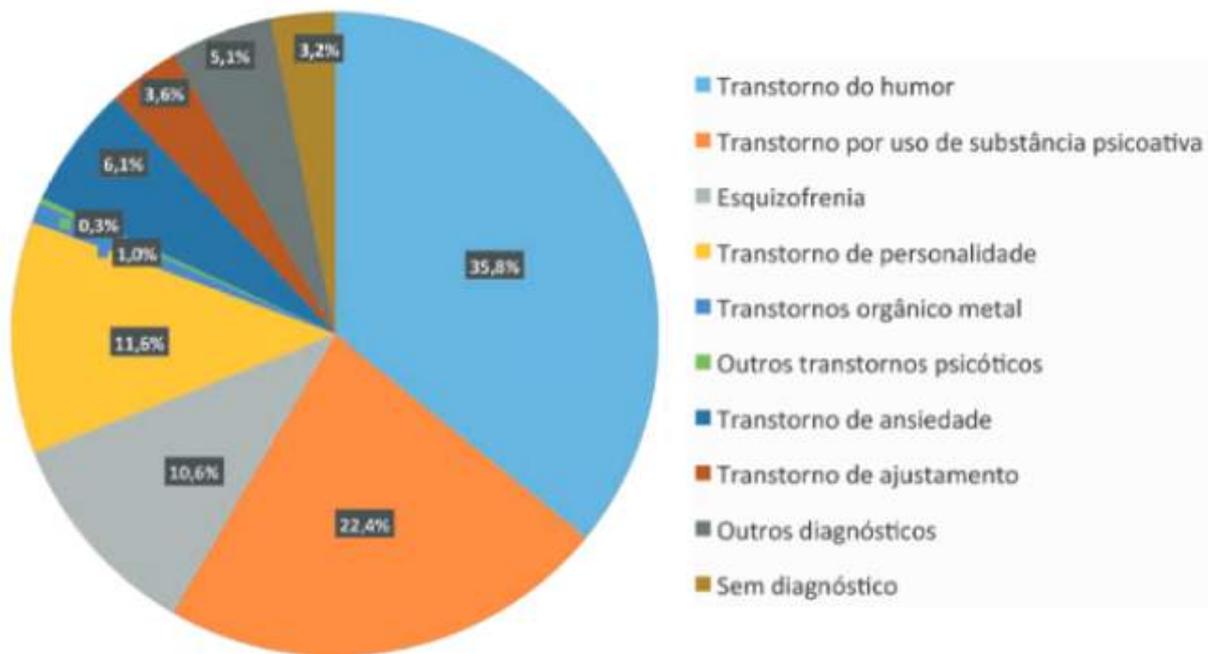
Em 2009, a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) lançou a cartilha “Comportamento Suicida: Conhecer para Prevenir”, que foi reaproveitado futuramente para profissionais da imprensa. O trabalho foi realizado em conjunto entre as duas áreas e serve até hoje como diretriz para a mídia lidar com o tema. A ação também buscou se tornar uma base de dados atualizada, com pesquisas da OMS e do Ministério da Saúde, sobre o suicídio para servir de referência na criação dos produtos midiáticos.

A cartilha aborda o dilema moral sobre a abordagem de um caso de suicídio porque, como jornalistas, há o dever de informar, mas a linha que divide a informação e a vulnerabilidade a qual insere o público é muito tênue. Segundo o material, há cinco casos em que o suicídio se torna notícia: a morte é de algum famoso; homicídio seguido de suicídio; atos terroristas; impacto no cotidiano da população; e a busca pelo sensacionalismo.

Por conta disso, é necessário ponderar a relevância que a matéria terá ao ser publicada, qual será o seu efeito na população, especialmente naqueles que estão vivenciando o luto por alguém que cometeu suicídio ou em quem apresenta a ideia de tirar a própria vida. Pessoas que sofrem de doenças psiquiátricas também se tornam mais vulneráveis ao suicídio, então é necessário cuidado ao lidar com esse público, mas sem estigmatizar. Na Figura 4 é possível observar quais transtornos mentais estão mais relacionados ao suicídio.

A ABP menciona alguns outros fatores de risco como a impulsividade, acesso a meios letais (algo comum no ambiente rural), isolamento social, abuso de substâncias e sentimentos de desesperança. Assim, é recomendado que, para uma reportagem, a pessoa não seja tratada de forma simplificada e, novamente, é necessário encontrar o equilíbrio entre informar e explorar o tema a ponto de se tornar algo sensacionalista.

**Figura 4** – Risco de suicídio em pessoas com transtornos mentais



**Fonte:** Associação Brasileira de Psiquiatria, 2009

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O suicídio é um assunto ainda pouco abordado com os devidos cuidados e necessita de mais debates para que profissionais de diferentes áreas consigam aprimorar suas condutas. Da área da saúde a jornalistas, é necessária uma equipe multidisciplinar para compreender o fenômeno e atuar na prevenção de novos casos.

Apesar da recomendação da Organização Mundial de Saúde de não tratar o suicídio na mídia de forma explícita, para evitar gatilhos, a impressão de que os portais passam é a de falta de equilíbrio. Isso significa que, em vez de encontrarem um meio termo saudável na abordagem sobre o suicídio, ou ele é tratado como tabu e ignorado, ou ele é exposto ao máximo e infringe diversos guias de segurança.

Com a ascensão das redes sociais no cotidiano das pessoas, os cuidados tornaram-se redobrados no compartilhamento das informações. Devido à velocidade com a qual os conteúdos transitam, e a incerteza do público que está sendo atingido, é de se esperar que jornalistas tenham mais atenção ao publicar suas histórias na internet. Algo mal desenvolvido pode facilmente servir como artifício para o surgimento de clusters de suicídio.

Por conta disso, diversas organizações ao redor do mundo, com bases em

pesquisas e dados coletados ao longo dos anos, criaram manuais de boas práticas para jornalistas serem capazes de desenvolver narrativas aliadas à prevenção do suicídio. Mesmo que haja algumas diferenças entre eles, é possível observar que as mudanças são, na realidade, complementares. Assim, a leitura de conteúdos desenvolvidos por pessoas de diferentes culturas torna enriquecedora a proposta de compreender mais sobre como o suicídio pode ser abordado de forma menos prejudicial

Por fim, é importante ter a consciência do impacto social que canais de comunicação possuem e como eles podem se tornar aliados à prevenção de suicídio, sem prezar pelo sensacionalismo acima do caráter informativo. Assim, é necessário que sejam realizadas mais pesquisas futuramente para investigar de forma mais aprofundada a relação das notícias que seguem as diretrizes de segurança sobre suicídio e a sua prevenção.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Vilmeyze Larissa de et al. Suicídio em adultos jovens brasileiros: série temporal de 1997 a 2019. *Ciência & Saúde Coletiva*. v. 26, n. 07, pp. 2699-2708. 2021.

Associação Brasileira de Psiquiatria. Comportamento suicida: conhecer para prevenir, dirigido para profissionais de imprensa. [on-line], 2009. Disponível em: < [https://repositorio.observatoriodocuidado.fiocruz.br/bitstream/handle/handle/2516/manual\\_coportamento\\_suicida\\_conhecer\\_prevenir\\_profissionais\\_imprensa.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.observatoriodocuidado.fiocruz.br/bitstream/handle/handle/2516/manual_coportamento_suicida_conhecer_prevenir_profissionais_imprensa.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 12 mai. 2023.

Centers for Disease Control and Prevention. Suicide, Suicide Attempt, or Self-Harm Clusters. 2022. Disponível em: < <https://www.cdc.gov/suicide/resources/suicide-clusters.html>>. Acesso em 06 mai. 2023.

CICOGNA, Júlia Isabel Richter, HILLESHEIM, Danúbia e HALLAL, Ana Luiza de Lima Curi. Mortalidade por suicídio de adolescentes no Brasil: tendência temporal de crescimento entre 2000 e 2015. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. v. 68, n. 1, pp. 1-7. 2019.

DATTANI, Saloni; RODÉS-GUIRA, Lucas; RITCHIE, Hannah; ROSER, Max; ORTIZ-OSPINA, Esteban. Suicides. Our World in Data. Disponível em: <<https://ourworldindata.org/suicide>>. Acesso em 02 mai. 2023.

FERREIRA, Renata da Silva; MARTIN, Isabela dos Santos; ZANETTI, Ana Carolina Guidorizzi; VEDANA, Kelly Graziani Giaccherro. Notícias sobre suicídio veiculadas em jornal brasileiro. *Ciência Saúde Coletiva*. 26 (4). 2021.

FIGUEIREDO, Ana Elisa Bastos; DA SILVA, Raimunda Magalhães; VIEIRA, Luiza Jane Eyre Souza; MANGAS, Raimunda Matilde do Nascimento; DE SOUSA, Girliani Silva; FREITAS, Jarlideire Soares; CONTE, Marta; SOUGEY, Everton Botelho. É possível superar ideações e tentativas de suicídio? Um estudo sobre idosos. *Ciência & Saúde Coletiva*, vol. 20, núm. 6, pp. 1711-1719. 2015.

FINK, David S., SANTAELLA-TENORIO, Julian, KEYES, Katherine M. Increase in suicides the months after the death of Robin Williams in the US. *PLOS ONE* v. 13, n. 2. 2018

HESKETH, José Luiz e CASTRO, Archimedes Guimarães de. Fatores correlacionados com a tentativa de suicídio. *Revista de Saúde Pública*. São Paulo, v. 12, n. 2, pp. 138-146. 1978.

JOSHU, Emily. Mapping despair: Countries with the highest suicide rates in the

world REVEALED (and America and Britain's positions might shock you... for the opposite reasons). Daily Mail, 2023. Disponível em: <<https://www.dailymail.co.uk/health/article-12140701/Mapping-despair-Countries-highest-suicide-rates-world-REVEALED.html>>. Acesso em 04 jun. 2023.

NEVES, Úrsula. Saúde mental de 53% dos brasileiros piorou entre 2020 e 2021, aponta estudo. PEBMED, 03 de fev. de 2022. Disponível em: <<https://pebmed.com.br/saude-mental-de-53-dos-brasileiros-piorou-entre-2020-e-2021-aponta-estudo/>>. Acesso em 04 de mai. de 2023.

Orellana JDY, de Souza MLP. Excess suicides in Brazil: Inequalities according to age groups and regions during the COVID-19 pandemic. International Journal of Social Psychiatry. 2022;68(5)

PALMA, Danielly Cristina de Andrade, OLIVEIRA, Beatriz Fátima Alves de, IGNOTTI, Eliane. Suicide rates between men and women in Brazil, 2000-2017. Cadernos de Saúde Pública. v. 37, n. 12. 2021.

REPORTING ON SUICIDE. Best Practices and Recommendations for Reporting on Suicide, c2020. Disponível em: <<https://reportingonsuicide.org/>>. Acesso em 04 mai. 2023.

SAMARITANS. Media Guidelines for Reporting Suicide, 2020. Disponível em: <[https://media.samaritans.org/documents/Media\\_Guidelines\\_FINAL.pdf](https://media.samaritans.org/documents/Media_Guidelines_FINAL.pdf)>. Acesso em 29 mai. 2023.

SILVEIRA, Renata da Silva; MARTIN, Isabela dos Santos; ZANETTI, Ana Carolina Guidorizzi & VEDANA, Kelly Graziani Giacchero. Notícias sobre suicídio veiculadas em jornal brasileiro. Ciência e Saúde Coletiva. 26. pp. 1565-1574. 2021.

STANFORD MEDICINE. Media & Mental Health Initiative (MMHI), c2023. Disponível em: <<https://med.stanford.edu/psychiatry/special-initiatives/mediamh.html>>. Acesso em 29 mai. 2023.

WHO – World Health Organization. Depression and other common mental health disorders: global health estimates. 2017. Disponível em <<https://apps.who.int/iris/handle/10665/254610>>. Acesso em 04 mai. 2023.

WHO – World Health Organization. Suicide. 2021. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>>. Acesso em 17 out. 2022.

## Best Practices and Recommendations for Reporting on Suicide

### Media Plays an Important Role in Preventing Suicide

1. Over 100 studies worldwide have found that risk of contagion is real and responsible reporting can reduce the risk of additional suicides.
2. Research indicates duration, frequency, and prominence are the most influential factors that increase risk of suicide contagion.
3. Covering suicide carefully can change perceptions, dispel myths and inform the public on the complexities of the issue.
4. Media reports can result in help-seeking when they include helpful resources and messages of hope and recovery.

### Partner Organizations

These recommendations were established using a consensus model developed by SAVE. The process was led by SAVE and included leading national and international suicide prevention, public health and communication's experts, news organizations, reporters, journalism schools and internet safety experts. Collaborating organizations include:

American Association of Suicidology • American Foundation for Suicide Prevention • American Psychoanalytic Association • Annenberg Public Policy Center • Associated Press Managing Editors • Canterbury Suicide Project - University of Otago, Christchurch, New Zealand • Centers for Disease Control and Prevention • Crisis Text Line • Columbia University Department of Psychiatry • ConnectSafely.org • International Association for Suicide Prevention Task Force on Media and Suicide • Medical University of Vienna • National Alliance on Mental Illness • National Institute of Mental Health • National Press Photographers Association • The Net Safety Collaborative • National Suicide Prevention Lifeline • New York State Psychiatric Institute • The Poynter Institute • Substance Abuse and Mental Health Services Administration • Suicide Awareness Voices of Education • Suicide Prevention Resource Center • Vibrant Emotional Health

**Recommendations:** Following these recommendations can assist in safe reporting on suicide.

AVOID...	INSTEAD...
✗ Describing or depicting the method and location of the suicide.	✓ Report the death as a suicide; keep information about the location general.
✗ Sharing the content of a suicide note.	✓ Report that a note was found and is under review.
✗ Describing personal details about the person who died.	✓ Keep information about the person general.
✗ Presenting suicide as a common or acceptable response to hardship.	✓ Report that coping skills, support, and treatment work for most people who have thoughts about suicide.
✗ Oversimplifying or speculating on the reason for the suicide.	✓ Describe suicide warning signs and risk factors (e.g. mental illness, relationship problems) that give suicide context.
✗ Sensationalizing details in the headline or story.	✓ Report on the death using facts and language that are sensitive to a grieving family.
✗ Glamorizing or romanticizing suicide.	✓ Provide context and facts to counter perceptions that the suicide was tied to heroism, honor, or loyalty to an individual or group.
✗ Overstating the problem of suicide by using descriptors like "epidemic" or "skyrocketing."	✓ Research the best available data and use words like "increase" or "rise."
✗ Prominent placement of stories related to a suicide death in print or in a newscast.	✓ Place a print article inside the paper or magazine and later in a newscast.

For more information and examples of best practices when reporting on suicide, visit [ReportingonSuicide.org/Recommendations](https://ReportingonSuicide.org/Recommendations)